

HELEN SMALL (2013)

## *The Value of the Humanities.*

Oxford: Oxford University Press, 216 pp.

Mais do que qualquer outra área do saber, as Humanidades caracterizam-se por uma forte tendência autorreflexiva. Assim se explica que, mesmo em períodos de estabilidade institucional, nunca tenham cessado os debates em torno da sua posição relativa no conjunto dos saberes escolares e universitários ou mesmo da hierarquia interna mais ajustada. Houve tempos em que a História se destacou como disciplina central, em alternância com outros períodos, que ficaram marcados pelo ascendente da Filosofia ou da Filologia, por exemplo.

Desde há três décadas, porém, o tempo da estabilidade parece ter desaparecido, dando lugar a um clima de forte suspeita. Esta circunstância estimulou ainda mais a citada tendência auto-questionadora, ao ponto de, com base nela, ter surgido uma vastíssima bibliografia, escrita em diferentes línguas. Em boa verdade, a questão parece justificar o aparecimento de uma nova área de especialização dentro das próprias Humanidades. Trata-se, desde logo, de um domínio especialmente exigente não apenas em função do caudal de produção bibliográfica envolvida mas também por via das componentes que é necessário mobilizar, envolvendo a sociologia e a história das ideias, sem esquecer a dinâmica específica dos principais ramos humanísticos ou mesmo a biografia intelectual de alguns protagonistas mais influentes.

Para além da existência de fatores em comum, a referida bibliografia desmultiplica-se por diferentes “géneros”: não faltam estudos sobre a história da área, numa evidente tentativa de confirmar a sua consistência epistemológica. A maioria desses trabalhos faz remontar as origens dos estudos humanísticos ao século xv, fazendo coincidir o seu período de esplendor com os cem anos

que medeiam entre 1850 e 1950<sup>1</sup>; não falta também quem assuma uma atitude de clara *advocacy*, defendendo as Humanidades dos muitos ataques que supostamente lhes estarão a ser movidos pelo poder político, que não só as vem diminuindo nos *curricula* escolares como as discrimina, quando se trata de apoiar a investigação desenvolvida na área.

Por fim, devem mencionar-se aqueles que encaram a “crise” também como oportunidade para uma reflexão prospetiva, onde não falta a autocrítica mas onde está sobretudo em causa projetar esse domínio do saber em termos de futuro, corrigindo ou ajustando atitudes menos adequadas, atualizando métodos de ensino ou investigação, sem deixar de incorporar as transformações que vêm surgindo no domínio dos suportes tecnológicos, dando corpo, designadamente ao que se vem designando por “Humanidades Digitais”.

Sem pertencer totalmente a nenhum destes “géneros”, o estudo de Helen Small constitui um importante contributo para aqueles que se situam no último quadrante. O objetivo do livro é muito claro: analisar as bases de cinco argumentos muitas vezes invocados para sustentar o valor (“Value”) das Humanidades face àqueles que direta ou indiretamente as menosprezam.

O elenco é exposto com objetividade, e nesse inventário certo reside, aliás, um dos maiores méritos do livro: o *exercício da interpretação e da subjetividade, a relação do saber humanístico com a felicidade pessoal e coletiva, a sua importância para a manutenção e aprofundamento da civilidade democrática, a relevância das Humanidades nos diferentes graus de ensino e, por último, o valor do conhecimento humanístico, considerado em si mesmo* (“for its own sake”).

---

<sup>1</sup> No mesmo quadrante mas com uma amplitude bem maior situa-se o estudo inovador de Rens Bod, intitulado *New History of The Humanities. The Search for Principles and Patterns from Antiquity to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Trata-se, de facto, de um trabalho que compreende a presença das Humanidades, no seu todo, não apenas em épocas diferentes (remontando, neste caso, à Antiguidade) mas também em espaços muito diversificados que, para além da Europa, incluem a China, a Índia e o Próximo Oriente.

Embora possam ser encarados como um todo, cada um destes argumentos tem uma história e, mais do que isso, detém uma margem de impacto que varia com o tempo e com os destinatários considerados. A autora faz, no entanto, questão de indicar uma importante linha divisória: os primeiros quatro argumentos revestem-se de um carácter instrumental (e por isso desfrutam de uma fortuna bem maior nos tempos mais recentes) enquanto só o último detém um carácter específico ou “intrínseco”, sendo, por isso, menos vezes mobilizado para o debate em curso.

Saber até que ponto as Humanidades contribuem para a vitalidade dos regimes democráticos (peça central da argumentação que vem sendo desenvolvida, entre outros, por Martha Nussbaum e Geoffrey Harpham) ou averiguar se elas são necessárias ao bem estar dos cidadãos não releva propriamente da natureza do saber humanístico mas da necessidade do seu envolvimento na consecução de determinados fins de carácter cívico ou pessoal. O mesmo sucede com o primeiro argumento: serão as Humanidades imprescindíveis à prática da interpretação? Deve essa mesma prática ser valorizada na educação dos jovens e dos cidadãos? Deve ela ser estimulada como um bem sem limites ou enquanto competência que deve ser cuidadosamente calibrada? Já o argumento (dito socrático ou hedonístico) do contributo que as Humanidades podem dar à compreensão (ou mesmo à consecução) da felicidade humana pode ser hoje menos invocável mas isso não significa que não tenha uma história de relevo no plano político e filosófico, mantendo uma razoável margem de potencial persuasivo. De igual modo, o argumento da utilidade social das Humanidades pode traduzir-se de várias formas: àqueles que vincam a inutilidade dispendiosa dos saberes humanísticos pode realmente responder-se que os bens da cultura podem também ser, eles próprios, integrados na *lógica do benefício*, como é visível na maioria das formas de turismo cultural que se encontram em crescimento um pouco por todo o lado, incluindo museus, monumentos, o mundo da edição artística, canais televisivos, etc. mas o seu “valor” formativo excede a lógica do “preço” quantificável, fazendo-se sentir desde os níveis de escolaridade básicos e intermédios até ao Ensino Superior.

Sendo o menos destacado, o último argumento é, contudo, aquele que justifica mais atenção. Em si mesmo, o raciocínio tanto pode ser aceite como óbvio

como pode suscitar ceticismo por parte de quem olha para as Humanidades como zona meramente decorativa, tanto no plano da formação como no da pesquisa. Terá de haver uma razão externa e objectivável para se estudar Shakespeare ou Camões? Por que deve estudar-se ainda a Antiguidade ou a Idade Média? Quando são colocadas em registo insidioso, estas perguntas podem resvalar facilmente para a lógica utilitária e constituem precisamente uma das vias de desmerecimento mais correntes no ataque às Humanidades e à sua importância enquanto domínio de pesquisa. Tal como acentua a Professora Small, porém, no que respeita a este campo de saber, existe uma margem para a pertinência e até para a quantidade factual do saber apurado; mas existe igualmente uma importante dimensão de *perspetiva* que, em si mesma, constitui uma marca diferenciadora do saber humanístico. É à luz dessa importante noção de *perspetiva* que as Humanidades cumprem uma das suas mais importantes funções, permitindo que o Presente “reutilize” o Passado, ajustando as leituras que dele faz às contingências e necessidades de cada época.

Para levar mais longe os pressupostos de cada um dos argumentos que convoca, a autora recorre a um intenso diálogo com muitos outros estudiosos que têm escrito sobre o assunto. Sobressai Martha Nussbaum, desde logo, mas também merecem destaque Stefan Collini ou Louis Menand para citar apenas alguns dos pensadores que figuram numa Bibliografia extensa (e muito atualizada), que inclui cerca de 250 títulos, com referências antigas e modernas, que vão desde Sócrates a Adorno, Isaiah Berlin e Foucault, Arnold e Newman, passando por Jeremy Bentham e Adam Smith.

Um dos contributos mais salientes do presente livro de Helen Small consiste precisamente na preocupação em inscrever a “crise das Humanidades” no âmbito mais vasto da luta entre as diferentes culturas universitárias, abrangendo, para além das próprias Humanidades, as Ciências Exatas e as Ciências Sociais. Nesse sentido, para além de um bom livro sobre as Humanidades, o trabalho em causa é também um ensaio sobre a Universidade no seu todo, focando o papel que os saberes humanísticos podem vir a desempenhar no seio do ensino superior e considerando a função que a Universidade, ela própria, reserva aos ditos saberes, conformando-se com o seu confinamento (numa Faculdade ou

num Departamento) ou aproveitando-os numa perspectiva de fundamentação geral e de alargamento interdisciplinar a todo o *campus*.

De facto, ao referir-se ao valor de disciplinas como a historiografia, a filosofia, os estudos artísticos e literários, a autora sublinha a força agregadora que estas detêm. E é talvez esse mesmo potencial que faz delas o precioso reduto de uma Universidade que não se reduz à mera soma dos sabres especializados que nela se professam.

Pelo seu carácter incisivo e ordenado, o estudo de Helen Small (jovem investigadora que se havia já destacado, pelo menos, através da publicação, em 2007, de uma excelente monografia sobre a velhice na filosofia e na literatura ocidentais<sup>2</sup>) torna-se de leitura muito recomendável não apenas para os que seguem com interesse o apaixonante debate em torno da “utilidade” das Humanidades numa sociedade que parece querer descartá-las como também para todos aqueles que, desenvolvendo a sua atividade de docência e de pesquisa nesta área do saber, não podem permanecer alheios às condicionantes cívicas que hoje afetam a vida universitária, no seu todo. Por último, deve assinalar-se que, ao contrário do que sucede com boa parte da bibliografia sobre este mesmo tema, a autora resiste a um tom proclamatório, que conduz muitas vezes à “profecia da barbárie”. Em vez disso, Helen Small prefere fornecer bases para que a discussão em torno da atual crise evolua num outro sentido, mais sereno e construtivo, a bem das próprias Humanidades e do que delas pode e deve ser preservado (e transformado) para benefício do ser humano.

Embora admitindo que, no seu todo, os argumentos selecionados constituem uma boa síntese, capaz de rebater ou matizar as arremetidas hostis que hoje recaem sobre as Humanidades, julgo, por outro lado, que seria necessário ir ainda mais longe, no sentido da autocrítica. De facto, mais do que um domínio de saber homogéneo e interligado, as Humanidades oferecem hoje, sobretudo

---

<sup>2</sup> *The Long Life*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

a quem as vê “de fora”, uma imagem de *campo dilacerado*. Ora, nenhum destes cinco argumentos de defesa se revela suficientemente eficaz para servir de contraponto a pelo menos duas críticas (interligadas) que resultam desta observação externa. Refiro-me à *especialização excessiva* e também ao *fechamento do discurso* que, nas últimas décadas, se vem verificando na maioria dos domínios humanísticos. Embora esse não fosse o objetivo central da autora, teria sido importante que tivesse prestado mais atenção àqueles que são, certamente, dois dos aspetos mais vulneráveis das Humanidades, tal como elas se apresentam hoje organizadas, tanto em termos de oferta formativa (nas Faculdades de Letras, sobretudo) como no que respeita às linhas de pesquisa que prevalecem nas Unidades de Investigação. Num caso como no outro, o panorama não se apresenta de molde a isentar as Humanidades de censuras. Para corrigir esta tendência, impõe-se, porventura, um corajoso realinhamento, na própria argumentação, menos nostálgico e mais centrado nos desafios do presente. E por paradoxal que possa parecer, esse realinhamento passa por recuperar o *ethos* de abrangência e de clareza racional que, desde o século xv, contribuiu para a emancipação das Letras Humanas (relativamente às Letras Divinas) e para a sua projeção especialmente fecundadora em outros tipos de saber.

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES

*augusto@ci.uc.pt*

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

*Centro de Literatura Portuguesa*